

RESUMO:

A presente resenha nasceu da minha constatação de que a obra *Mi Concepción del Mundo*, uma seleção de textos filosóficos escritos por Erwin Schrödinger, laureado com o prêmio Nobel de Física de 1933, não possui edição em língua portuguesa, apesar de sua extrema relevância teórica para a pesquisa acadêmica. Nela o autor reflete sobre a ontologia védica como fundamento metafísico de sua filosofia da natureza.

PALAVRAS CHAVE: Ontologia, Multiplicidade, Individualidade.

ABSTRACT:

This review was born from my observation that the work *Mi Concepción del Mundo*, a selection of philosophical texts written by Erwin Schrödinger, Nobel laureate in Physics in 1933, has no portuguese edition, despite its extreme relevance to theoretical academic research. Here the author reflects on the Vedic ontology as metaphysical foundation of his philosophy of nature.

KEY WORDS: Ontology, Multiplicity, Individuality

DAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS DE ERWIN SCHRODINGER

Vinicius Carvalho da Silva ¹

Mestrando em Filosofia da Ciência

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

(SCHRODINGER, erwin. **Mi concépcion del Mundo**. Barcelona: Tusquets Editores, 1988.)

Confrontado com a necessidade metodológica de investigar tal fonte como parte da pesquisa necessária à elaboração de minha dissertação de mestrado ², pude comprovar que não havia, em nenhuma biblioteca pública brasileira, ao menos um exemplar da referida obra. Fui encontrá-la na Biblioteca Nacional da República Argentina, em Buenos Aires, de onde trouxe

cópia em língua espanhola. Vejo, portanto, como preciosa, para mim, e, sobretudo para a comunidade acadêmica local, toda possibilidade de divulgar o conteúdo da fonte em questão.

Nesta obra, Schrödinger, criador da mecânica ondulatória e da equação responsável por descrever a evolução temporal de sistemas quânticos, discorre sobre questões filosóficas. A saber, no capítulo primeiro *Acerca de la Metafísica en general* discute sobre a crítica de Kant acerca do empreendimento metafísico. No segundo capítulo, *Um enojoso balance*, o autor defende a tese de que o desenvolvimento da civilização ocidental ocorrido nos últimos mil anos, tanto no campo teórico quanto no prático *no es muy alentador*. Para ele, a conclusão moderna do pensamento ocidental, de que toda transcendência metafísica deva ser extirpada do *logos* científico, não pode impor-se ao campo epistemológico. Ao prescindirmos da metafísica, discorre o autor, não há garantia de emancipação intelectual alguma, pois enfim, poderemos substituí – lá por dogmas pseudocientíficos, que podem ser ainda mais estranhos e ingênuos.

No terceiro capítulo, *El asombro filosófico*, Schrödinger trata sobre as possíveis razões que podem nos motivar à atividade filosófica, citando Epicuro, Leibniz, Kant e Schopenhauer. Em seguida, em *Yo – Mundo – Muerte – Multiplicidad*, quarto capítulo, detêm-se em questões que consideram fundamentais. São questões abordadas desde os antigos, mas que permanecem em aberto: Existe um *Eu*? Existe um “Mundo”, objetivo, fora, independente de mim, (de minha consciência)? Este *Eu* deixa de existir com a morte do corpo? O “Mundo” permanece tal e qual com a morte do meu corpo? O autor pontua que, obviamente, não é por meio da fisiologia que busca destrinchar os meandros de tais questões. São problemas ontológicos, e devem ser tratados como tais. Schrödinger busca apresentar uma possível resolução para tais dilemas, coadunando com o pensamento dos sábios da Índia Antiga: Posto que o “indivíduo” é conceitual e factualmente uma ilusão, as noções de *eu particular* e *morte* constituem falácias. Só há o Mundo, vivo e eterno, dinâmico. Os corpos nascem e renascem, sendo cada corpo novo, produzido a partir da matéria de outros corpos que sucumbiram. O Mundo é uma usina produtora e mantenedora da vida global, a partir da transformação bioquímica e física das matérias orgânicas decompostas. Flutuações demográficas estatísticas não alteram o “Todo”. Morrem uns indivíduos e nascem outros. O todo permanece vivo e sem abalos.

Tais reflexões permanecerão e se aprofundarão no quinto capítulo, *La concepción védica fundamental*. A obra em questão reúne mais de uma dezena de capítulos, que discorrem

sobre questões de Epistemologia, Linguagem e Metafísica. Nesta oportunidade, deter-nos-emos no quinto capítulo.

Logo nos primeiros parágrafos desta seção, algumas teses aparecem como capitais para a visão de mundo de Schrödinger. O problema fundamental da Filosofia é o da multiplicidade ôntica no espaço-tempo. Para o autor, a multiplicidade de entes, experimentado existências individualizadas no devir, é como uma espécie de “realidade ficcional”, pura aparência, ilusão cognitiva que nos impede de compreender a real estrutura ontológica do mundo – todos e quaisquer entes são mais do que partes de um Todo, são o próprio todo. A noção de eu particular, de ego, deriva de uma falácia cognitiva. Identificamos-nos ao nosso corpo (e suas experiências) e a nossa memória, mas tanto um quanto outro é apenas expressão passageira de nosso *Eu* que permanece, que *é*. O desenvolvimento da holografia³ ocorreria somente mais tarde, mas serve-nos como ilustração do pensamento do autor. Cada mínima parte de uma imagem holográfica contém as informações necessárias para a reconstrução de toda a imagem. Se o⁴ universo possuísse estrutura holográfica, cada pequeno fragmento seu, “conteria” sua totalidade. Schrödinger recorre à imagem de um cristal, em que cada pequena parte é a miniatura perfeita do cristal inteiro, nos lembrando a figura dos fractais em matemática contemporânea.⁵

O quinto capítulo parece reunir o fundamental da obra. Nele o autor conclui que a noção de unidade, este sentir e querer que chamamos de *eu* não pode ter se originado do nada, de modo que temos que reconhecer sua eternidade e invariabilidade, da qual participam todos os homens e seres sensíveis. Assim o autor pretende resolver, endossando o pensamento védico, o inescrutável problema da morte. Tão certo quanto o fato de que a terra nos consumirá no devir, é que no devir ela nos parirá renovadas vezes, para novas ambições e sofrimentos. Neste mesmo instante a terra nos devora na imagem de milhões de seres que padecem, e nos renova, por meio de outros milhões de seres que nascem. Para Schrödinger, além de resolver questões fundamentais de ontologia e metafísica, tal visão de mundo dá-nos uma ética valiosa: por meio dela, o homem se vê em comunhão, não só com toda a humanidade, mas com o *Kosmos*.

NOTAS:

1. Vinicius Carvalho da Silva é mestrando em Filosofia da Ciência pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Bacharel em Filosofia pela mesma instituição. É membro, desde 2008, do *International Masterclass High School*,

promovido pelo CERN – European Organization for Nuclear Research - no DFNAE - Departamento de Física Nuclear e Altas Energias da UERJ.

2. “A desconstrução da ontologia materialista na filosofia da física de Werner Heisenberg”, sob orientação da Dra. Elena Morais Garcia. Tal pesquisa é fomentada pela CAPES e faz parte do PPGFIL-UERJ, Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

3. A Holografia, do grego *holos* (todo) e *graphos* (sinal, escrita), foi desenvolvida por Dennis Gabor, ganhador do Nobel de Física de 1971. Trata-se de um método de reconstruir imagens em 3D a partir de informações gráficas armazenadas em 2D. Cada parte de um holograma possui as informações necessárias para a reconstrução do holograma inteiro.

4. A teoria de um universo com estrutura holográfica é aventada por Stephen Hawking, em O Universo Numa Casca de Noz. HAWKING, stephen. Admirável Mundo Novo das Branas . *In:* _____. **O universo numa casca de noz**. São Paulo: Editora Arx, 2002.

5. Fractais são estruturas geométricas de elevada complexidade e beleza. A divisão de um fractal resulta em partes semelhantes ao objeto original. O termo fractal se origina do latim *fractus*, do verbo *frangere*, que significa “quebrar”. A ideia é que não importa em quantas partes um fractal seja dividido. Cada pequena parte resultante será uma miniatura perfeita da figura original. O nome a tal tipo de estrutura geométrica, foi dado pelo matemático francês Benoit Mandelbrot, em 1975.